

# A MENTIRA COMO REMÉDIO: A BUSCA POR ESTABILIDADE ADVINDA DA ILUSÃO EM “A SAÚDE DOS DOENTES”

## THE LIE AS REMEDY: THE SEARCH FOR STABILITY THROUGH ILLUSION IN “THE HEALTH OF THE SICK”

Pedro Lucas Santos Souza<sup>1</sup>  
Rodrigo de Freitas Faqueri<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo examinar o papel da ilusão como resposta ao medo da morte na literatura, a partir do conto A Saúde dos Doentes (2021), de Julio Cortázar. Por meio de uma análise descritiva, investiga-se a relação entre a perspectiva filosófica de Friedrich Nietzsche sobre a ilusão e a concepção de medo da morte de Zygmunt Bauman. O estudo busca evidenciar não apenas a participação ativa do leitor na construção narrativa, como proposto por Cortázar, mas também como a literatura reflete e expressa os temores modernos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cortázar; Ilusão; Literatura; Medo da morte; Verdade e mentira.

**ABSTRACT:** This article aims to examine the role of illusion as a response to the fear of death in literature, based on the short story The Health of the Sick (2021) by Julio Cortázar. Through a descriptive analysis, the relationship between Friedrich Nietzsche's philosophical perspective on illusion and Zygmunt Bauman's conception of the fear of death is investigated. The study seeks to demonstrate not only the reader's active participation in narrative construction, as proposed by Cortázar, but also how literature reflects and expresses modern fears.

**KEYWORDS:** Cortázar; Illusion; Fear of death; Literature; Truth and lie.



10.23925/2176-4174.35.2025e72393

Recebido em: 06/07/25.

Aprovado em: 07/08/25.

<sup>1</sup> Graduando em Letras (IFSP). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7651-000X> Email: [lucaspedro37op@gmail.com](mailto:lucaspedro37op@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Letras (UPM). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9292-3536> Email: [rodrigofaqueri@ifsp.edu.br](mailto:rodrigofaqueri@ifsp.edu.br)

Publicado em: 07/08/25.

## Introdução

O *Boom Latino-americano* foi um fenômeno literário e comercial surgido nos anos 1960 e 1970 pela ampla divulgação dos trabalhos de alguns jovens escritores latino-americanos pelo mundo, em especial Julio Cortázar da Argentina, autor de *Todos os Fogos o Fogo*.

Publicado originalmente em 1966, *Todos os Fogos o Fogo* é uma antologia de contos que explora o cotidiano e as relações humanas em diferentes camadas. O livro reúne oito narrativas que, sob diferentes perspectivas, esmiúçam a complexidade do íntimo e do comum. Entre elas, destaca-se *A Saúde dos Doentes*, conto que examina as dinâmicas familiares dentro de uma ilusão criada como instrumento de preservação emocional diante do medo da morte.

O conto explora uma família lidando com a saúde frágil de sua matriarca internada, ocultando a morte de um dos filhos, Alejandro, com a finalidade de não agravar sua saúde já debilitada. No entanto, com o decorrer dessa farsa familiar coletiva, os próprios membros passam a questionar a necessidade e os impactos de sustentar essa mentira e de se manterem estáveis dentro dessa realidade criada.

Este trabalho investiga a construção da mentira como mecanismo de alívio para os anseios e a enfermidade da mãe. Além disso, explora as estratégias das personagens de se manterem emocionalmente estáveis diante do medo da verdade e da morte, como também a ilusão se configura como elemento de preservação e ordem na instituição familiar, além de alguns aspectos do papel ativo do leitor na narrativa.

Para análise do conto, serão utilizados apontamentos da visão crítica de Cortázar quanto à escrita de contos (PORTO, 2015) e sua inserção no *Boom Latino-americano* (COSTA, 2001). Do mesmo modo, busca-se empregar os conceitos de mentira e verdade em Friedrich Nietzsche (2007), auxiliados ao “impulso da verdade” (FONSECA, 2008), estabelecendo uma relação com a ideia do medo como elemento central das relações sociais em uma sociedade avessa a riscos, conforme apresentado por Zygmunt Bauman (2008).

### 1. Cortázar, a ilusão e o medo

Além de um mero fenômeno comercial e um momento oportuno de apoio às revoluções e projetos socialistas na América-Latina, o *Boom* Latino-Americano possibilitou uma enorme projeção internacional, sobretudo aos romances, dando visibilidade a um continente capaz de verdadeiramente produzir literatura, além dos preceitos de um “subcontinente dos ditadores e dos mambos” (VARGAS LLOSA, 2006, p. 90 apud COSTA, 2011, p. 1-2), como também a própria condição da identidade latina-americana assumida para o escritor, o que também “[...] motivou inúmeros leitores, pelo mundo afora, a conhecer a literatura, a cultura e a história latino-americanas” (COSTA, 2011, p. 2).

Dentre os escritores atuantes do *Boom*, Julio Cortázar se destaca não apenas pela inovação literária, mas também como figura particular e crítica ao fenômeno, tanto pela nomenclatura inglesa ironicamente aplicada ao contexto latino-americano, pensada pelo próprio escritor como uma palavra “idiota”, mas também uma visão de “consciência coletiva em todo o continente sobre a existência de si mesmo no plano intelectual e literário (GONZÁLEZ BERMEJO, 2002, p.17 apud COSTA, 2011, p. 3). Além disso, o escritor apresentou em sua produção um caráter especial na crítica literária, principalmente ao pensar no papel do leitor como fundamental para a criação, sobretudo o conto, como “[...] um trabalho árduo de linguagem, forma, reflexão, encaixe de palavras, o que não significa que o conto seja resultado único e exclusivo de uma obediência estrita a regras de criação literária” (PORTO, 2015, p. 112).

Diante desses elementos na criação literária de Cortázar, além do absurdo do cotidiano, o conto *A Saúde dos Doentes* (2021) explora a ilusão e a percepção da realidade, encontrando na perspectiva filosófica de Nietzsche uma correspondência ao analisar e refletir esses mecanismos de dissimulação.

Nietzsche traz a ideia da dissimulação como um meio de conservação dos indivíduos mais fracos através do intelecto, como forma de empreender sua luta pela existência:

No homem, essa arte da dissimulação atinge seu cume: aqui, o engano, o adulterar, mentir e enganar, o falar pelas costas, o representar [...], constitui a tal ponto a regra e a lei que quase nada é mais incompreensível do que como pode vir à luz entre os homens um legítimo e puro impulso à verdade (NIETZSCHE, 2007, p. 27-28).

Nietzsche atribui à inteligência humana um “jogo dissimulador” como meio de “autopreservação”, na qual o indivíduo se protege ao enganar o outro (FONSECA, 2008, p. 34). Ademais, o filósofo associa a linguagem à construção da verdade e ao seu contraste com a mentira: “o mentiroso serve-se das designações válidas, as palavras, para fazer o imaginário surgir como efetivo” (NIETZSCHE, 2006, p. 29). Nesse sentido, a verdade é uma “convenção consolidada” que representa a realidade, enquanto a mentira consiste no abuso dessa condição. No entanto, a linguagem se põe apenas como uma ferramenta para tentar chegar à realidade. Nietzsche destaca:

Apenas por esquecimento pode o homem alguma vez chegar a imaginar que detém uma verdade no grau ora mencionado. Se ele não espera contentar-se com a verdade sob a forma da tautologia, isto é, com conchas vazias, então irá permutar eternamente ilusões por verdades (NIETZSCHE, 2006, p. 30).

Por meio da linguagem, a verdade não alcança a realidade em si, mas serve como um instrumento de sobrevivência, contexto em que a mentira surge. Nietzsche concebe tanto a verdade e a mentira como “metáforas desgastadas” (2006, p. 37), construções humanas e sociais que dialogam com a perspectiva de Zygmunt Bauman (2008), sobre o medo como força impulsora para a construção dessas relações. Diante dos perigos e inseguranças na modernidade, a mentira, a ilusão, a dissimulação se tornam ferramentas de proteção e preservação, vinculando-se ao medo enquanto agente estruturante das interações sociais.

Nessa perspectiva, o medo, além das reações de fuga e agressão diante de uma ameaça à vida, constitui um fenômeno sociocultural que molda percepções e comportamentos (BAUMAN, 2008, p. 9). Bauman define essa “modelagem da conduta humana” como uma “estrutura mental estável” baseado na sensação de vulnerabilidade constante, levando os indivíduos a agir sob ameaça iminente, mesmo na ausência do perigo em si (2008, p. 9).

Bauman propõe que a vida está longe de ser livre do medo, assim como de perigos e ameaças (BAUMAN, 2008, p. 15), o que infere na criação de “estratagemas e expedientes que nos permitem afastar, mesmo que temporariamente, a iminência dos perigos” (2008, p. 15).

Tais aspectos se relacionam ao conto *A Saúde dos Doentes* (2021) ao retratar a construção de uma mentira coletiva da família para preservar a saúde de sua matriarca. Ao mentir e esconder certas realidades, os membros evitam um agravamento de seu estado clínico, alinhando-se ao preceito mais comum destacado por Bauman: “burlar o tempo e derrotá-lo no seu próprio campo. Retardar a frustração, não a satisfação” (2008, p. 16). Assim, a ilusão coletiva no conto reflete um meio de preservação diante do medo da morte.

## 2. A mentira como remédio em “A Saúde dos Doentes”

O conto se inicia com a família entrando em pânico quando a tia Clelia adoece, reestruturando desesperadamente todos os preparos dos outros membros, como o tio Roque, Carlos, Rosa e Pepe, para que a mãe do narrador sem nome não descobrisse (CORTÁZAR, 2021, p. 462), ainda mais com a morte do filho Alejandro já sendo escondida:

[...] mamãe, com sua pressão e seu açúcar, não podia receber notícias preocupantes, todos sabiam muito bem que o dr. Bonifaz fora o primeiro a compreender e aprovar que escondessem de mamãe o assunto de Alejandro. Se tia Clelia precisava ficar de cama, era necessário encontrar alguma maneira para que mamãe não desconfiasse que ela estava doente, mas já o assunto de Alejandro havia ficado tão difícil, e agora mais essa; o menor deslize e ela acabaria por saber a verdade (CORTÁZAR, 2021, p. 462).

Já fazia um ano que o filho Alejandro havia morrido em um acidente automobilístico antes de chegar a Montevidéu (CORTÁZAR, 2021, p. 462). Todos sabiam do ocorrido, exceto a mãe, pois acreditava que o filho estava trabalhando no Brasil, ainda mais pelas advertências do dr. Bonifaz, e atuação de María Laura, namorada de Alejandro (2021, p. 463). Tio Roque se encarregava de toda a organização, como coordenar a família a revezar atenção à mãe e à María Laura, que estava “perdida num horror sem lágrimas”, semelhante a Carlos que “chorava silenciosamente a perda do irmão” (2021, p. 463), descrevendo o sofrimento da perda e o peso de escondê-la para evitar outra perda.

Os mecanismos de se esconder a morte de Alejandro da mãe foram desenvolvidos de maneira prática, ainda que tentassem aliviar os anseios dela, como

María Laura não ter ido visitá-la, assim como o tio Roque explicando a situação para seu amigo advogado, prometendo-lhe organizar parte da correspondência que seria usada para esconder a verdade da morte de Alejandro (CORTÁZAR, 2021, p. 463-464). Toda a família estava atuando nessa farsa, escondendo seus próprios temores e sofrimentos para o bem-estar da mãe:

Rosa e Pepa estavam presentes, para intervir a todo momento na conversa, e María Laura conseguiu resistir e até sorriu quando mamãe começou a falar no malandro do namorado dela que viajava para tão longe praticamente sem avisar. A juventude moderna era assim, o mundo tinha ficado louco e todos andavam com pressa e sem tempo para nada. Depois mamãe se perdeu nos consabidos casos de pais e avós, e chegou o café, e depois entrou Carlos com brincadeiras e histórias, e em algum momento tio Roque se instalou na porta do quarto e olhou para eles com seu ar bonachão, e tudo se passou como deveria se passar até a hora do descanso de mamãe (CORTÁZAR, 2021, p. 464).

O medo de agravar o estado clínico ou de levá-la à morte “[...] são ainda mais aterradores por serem tão difíceis de compreender; porém mais aterradores ainda pelo sentimento de impotência que provocam” (BAUMAN, 2008, p. 31). Diante desse temor, a família dissimula uma realidade, em que o filho está vivo e trabalhando em outro país. Essa realidade ilusória se assemelha a um teatro, como visto em Nietzsche (2006, p. 29), em que todos atuam para sustentar essa mentira coletiva. Nisso, o medo da morte leva à criação de estratégias para conviver com sua inevitabilidade, sendo a negação o meio mais comum e efetivo (BAUMAN, 2008, p. 46).

Nesse sentido, os personagens “se acham profundamente imersos em ilusões e imagens oníricas” (NIETZSCHE, 2006, p. 28), tomando a mentira, diante dessa negação da morte de Alejandro e da piora clínica da mãe, como estratégia de conservação. Além da autopreservação do indivíduo, é evidenciado seu condicionamento à conservação da coletividade, pois, para Nietzsche, “o homem desenvolverá o intelecto para o engano; posteriormente, por alguma razão (necessidade, tédio), ele condicionou sua sobrevivência à existência da paz no interior de um todo social” (FONSECA, 2008, p. 35). No conto, entretanto, esse mecanismo se centra na ordem e estabilidade emocional da instituição familiar.

Além disso, tendo em vista a imersão na ilusão, a dissimulação adquire um caráter extratextual. A impessoalidade do narrador sem nome em primeira pessoa põe o leitor como atuante na narrativa, tornando-o cúmplice dessa farsa, mentindo como

se fosse um dos filhos, alinhando-se à ideia de Nietzsche quanto ao uso da linguagem para enganar (2006, p. 29), apresentando no conto uma “forma múltipla, plural e repleta de artimanhas da linguagem” (PORTO, 2015, p. 113). Ademais, o próprio Cortázar, mesmo com a tarefa difícil de conceituar o conto, apontou para esse dinamismo: “[...] nesse plano do homem onde a vida e a expressão dessa vida travam uma batalha fraternal, [...] e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada” (CORTÁZAR, 1993, p. 150 apud PORTO, 2015, p. 113), manifestado na dissimulação em *A Saúde dos Doentes* (2021).

A família foi se acostumando a uma rotina, em especial na leitura das cartas de Alejandro, que se mostrava encantado com Recife (CORTÁZAR, 2021, p. 464), além dos próprios encontros no hospital, contudo, diante do aumento de sua pressão arterial, a família se perguntava se havia alguma influência inconsciente nesse mal durante essa alegria fingida (2021, p. 465), ainda que, ao fingir, todos adentravam na ilusão, tornando a realidade fora desse ato mais dolorosa

[...] porque à força de fingir as risadas, todos terminavam rindo de verdade com mamãe, e às vezes brincavam uns com os outros e trocavam empurrões, mesmo que não estivessem com ela, depois se olhavam como se accordassem de repente, e Pepa ficava muito vermelha e Carlos acendia um cigarro de cabeça baixa. Só o que importava no fundo era que o tempo passasse e que mamãe não se desse conta de nada (CORTÁZAR, 2021, p. 465).

No entanto, embora as preparações da família correspondessem à farsa, a mãe passava a desconfiar e a estranhar, após algumas cartas de Alejandro, ele não a chamava pelo seu apelido secreto (CORTÁZAR, 2021, p. 466). Isso levou a família a investir em novas mentiras para aliviar os anseios da mãe frágil, assim como uma fratura no tornozelo de Alejandro, justificando sua ausência. Apesar do incômodo, seu quadro clínico se normalizou em dois dias (2021, p. 467). Além disso, precisavam que María Laura visitasse a mãe, mas ela relutava em participar dessa farsa, essa dissimulação coletiva, tornando a surgir mais mentiras em relação a sua ausência, como o cansaço e estudos (2021, p. 468-469).

Assim, a família continuou a revezar companhia para a mãe, nunca a deixando sozinha, recebendo notícias e comentários de Alejandro a cada três semanas

(CORTÁZAR, 2021, p. 469). Nesse período, tio Roque passou a ler notícias sobre tensões na diplomacia do Brasil, escrevendo-as nas margens do jornal, mas se habituando a inventá-las na hora, ainda mais com as cartas forjadas de Alejandro tratando de uma possível ruptura nas relações entre Brasil e Argentina, reforçando sua ausência (2021, p. 470). Entretanto, quando a tia Clelia adoeceu novamente, o dr. Bonifaz aconselhou tio Roque a interná-la em um hospital, deixando-o perdido e fazendo os demais a pensarem em outra alternativa:

Rosa pensou no sítio de Manolita Valle e no ar puro; no segundo dia da enxaqueca de tia Clelia, Carlos conduziu a conversa com tanta habilidade que foi como se mamãe em pessoa tivesse aconselhado uma temporada no sítio de Manolita, que tanto bem faria a Clelia (CORTÁZAR, 2021, p. 470).

Diante de cada impeditivo às ilusões, o medo da morte se fragmenta em incontáveis preocupações frente às diferentes ameaças, saturando de igual forma a vida (BAUMAN, 2008, p. 59), como visto na execução dos planos da família, diante da morte de Alejandro, a ausência de María Laura e o adoecimento e internação de tia Clelia. Nesse sentido, visto a onipresença do medo da morte da mãe, para a família “[...] é improvável que o pavor da morte seja ‘ingerido’ totalmente e confrontado em toda a sua medonha horripilância, sendo suficientemente comum para poder paralisar o desejo de viver” (2008, p. 59).

A estabilidade emocional de seus membros sempre é confrontada, frustrando o adiantamento, a postergação, a negação da morte da mãe internada, dentre as outras realidades criadas para o seu próprio bem-estar, ainda mais pela ideia de morte de alguém próximo e querido afetar de forma semelhante o indivíduo, mesmo que a morte não seja a dele (BAUMAN, 2008, p. 61). Nesse sentido, essa condição humana e cultural, ligada por laços de intimidade e simpatia, apresenta uma perspectiva “eu-você” (2008, p. 61), na qual a morte, o fim desse elo com um ente querido, como também a solidão dos que ficaram, pode ser vista como uma experiência de morte enquanto vida:

[...] Por todas essas razões, o fim do compartilhamento de um mundo “eu-você” produzido pelo falecimento de um companheiro-na-vida pode ser descrito, com um mínimo de simplificação, como uma experiência de morte de “segundo grau” (BAUMAN, 2008, p. 62).

Isso é perceptível pela família nunca deixar a mãe sozinha, de igual forma ao dividir atenção e companhia com outros membros, sofrendo de formas semelhantes, como María Laura e tia Clelia, mesmo em um processo frustrante, salientando a realidade ilusória como preferível à própria realidade, visto a naturalidade da família de agir na ilusão como se fosse a verdade na presença da mãe (CORTÁZAR, 2021, p. 465). Se, por um lado, o uso do intelecto para a dissimulação de uma realidade, como meio de auto-conservação, constitui uma luta pela existência dos indivíduos mais fracos (NIETZSCHE, 2006, p. 27), por outro, esse mesmo intelecto permite o autoengano diante do valor de “verdade”, revelando uma contradição. Entretanto, Nietzsche associa o surgimento do impulso à verdade (*Trieb zur Wahrheit*) não ao indivíduo isolado, que engana, mas à vida em sociedade, na qual a “verdade” opera como instrumento para a coletividade, a sua coesão social (FONSECA, 2008, p. 35-36).

No entanto, o adoecimento de tia Clelia foi o mais impactante à família, até o momento, dado que a mãe perguntava quando ela retornaria do sítio, escondendo sua crise no hospital, com Rosa e tio Roque revezando a companhia entre elas (CORTÁZAR, 2021, p. 471). No entanto, a mãe pedia por telefonemas, na qual lhe comentavam que tia Clelia não estava em estado grave, que estava melhor, sentindo-se somente um pouco fraca, o que justificava ficar no sítio, porém, ainda não a desocupando (2021, p. 471).

Carlos ria de sua reação para disfarçar as preocupações da mãe e o que ele próprio sentia, frente ao em estado gravíssimo de tia Clelia. A mãe dormiu mal, perguntando por ela até o amanhecer do dia seguinte, ainda mais pela notícia escondida da morte de tia Clelia e seu velório na funerária, contrário a notícia de que ela “[...] havia passado muito bem a noite, embora o médico de Manolita a aconselhasse a continuar por lá enquanto o bom tempo se mantivesse” (CORTÁZAR, 2021, p. 471).

Assim, com a morte e ausência de tia Clelia, todos se reuniram na sala de jantar, abatidos, questionando até onde a ilusão que criaram chegaria, assim como Carlos pontuou nessa situação absurda na qual se acostumaram a encenar, ainda que sofressem, sempre imaginando que o quarto da mãe houvesse algum tipo de

armadilha, algo que pusesse em risco a naturalidade das mentiras (CORTÁZAR, 2021, p. 472).

Para manter a dissimulação, Rosa convenceu María Laura, tanto por ser sua melhor amiga, quanto por querer bem a eles, a ler para a mãe alguns trechos da carta de Alejandro, retomando os problemas diplomáticos do governo brasileiro (CORTÁZAR, 2021, p. 473). No entanto, a mãe já não comentava nada, ainda que perguntasse sobre notícias do sítio, parecia indiferente às cartas, aos telefonemas e às notícias, como se não acreditasse em mais nada (2021, p. 473). Isso se repetia de forma similar à família, já que eles não se preocupavam mais em inventar mentiras de forma tão compenetrada:

A rotina envolvia a todos e, para Rosa, telefonar para um buraco negro no outro lado do fio era tão simples e cotidiano quanto para tio Roque continuar lendo falsos telegramas sobre um fundo de anúncios de leilões ou notícias de futebol, ou para Carlos entrar contando os acontecimentos de sua visita ao sítio de Olavarria e os pacotes de frutas enviadas por Manolita e tia Clelia. Nem sequer durante os últimos meses de mamãe os costumes foram alterados, embora já pouca diferença fizesse (CORTÁZAR, 2021, p. 473).

No fim, o dr. Bonifaz disse à família que a mãe não sofreria em nada em sua morte, mas ela se manteve lúcida até o último momento, quando todos os filhos reunidos, já não conseguiam fingir mais o que sentiam (CORTÁZAR, 2021, p. 473-474). A contradição da dissimulação se revela quando a mãe reconhece a ilusão que a família criava para confortá-la: “— Como vocês todos foram bons comigo — disse mamãe com ternura. — Tanto trabalho que tiveram para que eu não sofresse” (2021, p. 474). Três dias após o enterro, chega a última carta de Alejandro, perguntando sobre a saúde da mãe e da tia Clelia, fazendo Rosa chorar, sem saber em como contar a Alejandro a notícia da morte de sua mãe (2021, p. 474).

A ilusão permitiu a criação de realidades alternativas, nas quais a família se habituou a dissimular, fragmentando a verdade e a mentira, tanto pelo bem da mãe quanto pelo conforto dos próprios parentes de viverem na ilusão, visto que a linguagem serviu à comunicação como meio da conservação dessa coletividade (FONSECA, 2008, p. 36). Ao manter a estabilidade emocional com cartas forjadas, falsas notícias e mentiras que justificassem a ausência da morte de Alejandro e tia Clelia, apontam que “[...] cada membro do todo social deve usar as convenções

lingüísticas de maneira correta, ou seja, ele deve ‘dizer a verdade’, caso contrário estaria colocando em risco a segurança dos demais membros” (FONSECA, 2008, p. 36).

A família encontrou nestas convenções consolidadas uma maneira de se preservarem emocionalmente, como um remédio que alivia sintomas, mesmo que o uso constante da ilusão os faça sofrer, como se fosse os seus efeitos colaterais. Nessa fragmentação das diferentes realidades, como visto no final, ocorre uma ruptura não apenas entre ilusão e realidade, como também na própria ficção.

De forma similar, em relação à criação literária e a atuação do leitor nessa ilusão na narrativa, como a narração em primeira pessoa e a ambiguidade persistente, também envolve o leitor. Cortázar compara o conto com a fotografia, visto o caráter de concisão e limitação da imagem ou do acontecimento, mas como também “[...] capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade (CORTÁZAR, 1993, p. 151-153 apud PORTO, 2015, p. 114). Nesse sentido, essa dinâmica no texto impulsiona “o interlocutor a algo que transcende o que está registrado de forma incisiva desde a primeira página na obra” (2015, p. 114), evidenciando a participação do leitor na narrativa desde o começo.

### **Considerações finais**

Como demonstrado em A Saúde dos Doentes (2021), o medo da morte se mostra como um arquétipo de todos os medos (BAUMAN, 2008, p. 73) e um agente estruturante que leva os indivíduos ao uso da ilusão como ferramenta de proteção e preservação emocional, em contexto com o conto. O caos da realidade, com seus diferentes perigos, põe o indivíduo a dissimular, longe de ser um ato de sentido moral, mas como condição de existir e agir em sociedade (NIETZSCHE, 2007, p. 27-28).

Nietzsche, em seus “Fragmentos Póstumos”, afirma que “vivemos somente através de ilusões, sendo que nossa consciência dedilha a superfície” (2007, p. 57), ou seja, não podemos conceber a realidade caótica em si, nem seus perigos iminentes. O conto de Cortázar aponta para a ilusão como remédio, condição para um progresso civilizatório, pois “o ser sensível precisa da ilusão para viver” (NIETZSCHE, 2007, p. 59). Nisso o impulso artístico, como o literário, surge, pois o desejo de

dissimular, de criar metáforas, ilusões, é inerente ao ser humano, pois esse impulso criativo possibilita a interpretação do mundo, da realidade (NIETZSCHE, 2007, p. 46-47).

Além disso, *A Saúde dos Doentes* (2021) e o próprio Cortázar vão além do *Boom Latino-americano*, visto o escritor ser uma das personalidades centrais, que reconhecia o papel revolucionário do fenômeno na América Latina (GONZÁLEZ BERMEJO, 2002, p.17 apud COSTA, 2011, p. 3), também inovou nas considerações do que é um conto, principalmente ao pontuar o leitor como figura de destaque, como o dito narrativo e a grandeza da narrativa curta (PORTO, 2015, p. 114). No conto, isso é perceptível pela atuação do leitor na dissimulação da família, como convidado participativo no papel de filho. Esta característica na narrativa apresenta um colapso das fronteiras entre realidade e ficção, diluindo as noções de verdade e mentira, como conforto frente a uma realidade caótica.

Portanto, Cortázar não explora apenas a ilusão e o medo da morte, mas mostra uma redefinição do papel do leitor, tornando-o cúmplice na criação das ilusões que se passam por realidades na narrativa, como elemento essencial para a literatura. Ao explorar as fragilidades do temor de perder um ente querido, o conto realça as rupturas na participação ativa do leitor, oferecendo uma reflexão à ilusão como refúgio, no plano da ficção e da realidade.

## Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CORTÁZAR, Julio. "A Saúde dos Doentes". In: **Todos os contos volume 1 (1945-1966)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 462-474.

COSTA, A. V. Os intelectuais, o *boom* da literatura latino-americana e a Revolução Cubana. In: **Simpósio Nacional de História - ANPUH**, 26., 2011, São Paulo. Anais eletrônicos [...] São Paulo: 2011. p. 1-15. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855462\\_83dd39f1e3410f040b81a4b55ae0d305.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548855462_83dd39f1e3410f040b81a4b55ae0d305.pdf). Acesso em: 15 de jun. 2025.

FONSECA, Thelma Lessa da. Impulso à verdade e impulso artístico: uma leitura de Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, [S. I.], n. 12, p. 29-50, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. São Paulo: Hedra, 2007.

PORTO, Luana Teixeira. O Conto na Visão Crítica de Julio Cortázar: Atenção à criação literária, lugar de destaque para o leitor. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 14, p.111-120, dez. 2015.